

7.

D. JOÃO E SEU REINO AMERICANO

O sétimo capítulo, já no limiar da fundação política do Brasil moderno, aborda a singular experiência da monarquia portuguesa no seu exílio na colônia. Provocado pelas guerras europeias, esse episódio único na história das Américas transformou o Rio de Janeiro na capital de um vasto império e o Brasil num Reino Unido com aspirações de autonomia. Assim que pôs os pés no Brasil, o príncipe regente decretou a abertura dos portos — até então fechados a todas as embarcações que não fossem portuguesas — ao comércio com as “nações amigas”, e isso era quase um sinônimo (na época) de “Inglaterra”. Instituições como imprensa, escolas superiores, jardins botânicos, tribunais superiores e museus, completas novidades por aqui, foram transplantadas de Portugal para estabelecer as bases culturais, políticas e administrativas do novo status quo colonial. Em 1816, morta a rainha d. Maria I, o príncipe regente subiu ao trono como d. João VI. No ano anterior, o Brasil havia sido formalmente denominado Reino Unido de Portugal e Algarves e alçado à condição de sede do Império português. Mas os ânimos autonomistas não haviam se acalmado com esses títulos pomposos nem com a contínua presença do rei no Brasil, que, mesmo com o final da guerra na Europa, não dava sinais de voltar. Em 1817, uma revolta republicana estourou no Recife — a Revolução Praieira — e chegou a atrasar, mas não a impedir, as festividades da aclamação de d. João VI. Sinal inequívoco de que as demandas por autonomia política vinham para ficar.



7.1. Conjunto de litografias de Jean-Baptiste Debret, de 1835: *Uma senhora brasileira em seu lar; Empregado do governo saindo a passeio; Feitores castigando negros.**

* As legendas interpretativas das autoras estão no final deste capítulo.

ATIVIDADES PROPOSTAS

1. Apresente aos alunos este trecho de “O juramento dos Numes”, libreto em homenagem a d. João, datado de 1813. Na parte transcrita abaixo, o “Gênio”, voltando-se para o retrato de Sua Alteza Real, faz o seguinte juramento:

Os Cyclopes

Salve príncipe Excelente,

Salve ditosa Nação,

Que dais ao mundo oprimido,

A suspirada união [...]

As Graças

Que dais ao mundo oprimido,

A suspirada união.

Os Cyclopes

Nos fastos brilhantes

De Lysia incansável

Será memorável um Sexto João [...]

Todos

Que dais ao mundo oprimido

A suspirada união.

- a. Por que o poema insiste tanto nos temas de “união” e “opressão”?
 - b. Por que essa união é tão “suspirada”?
2. Entre os tantos eventos políticos e sociais ocorridos durante a estada da família real portuguesa no Brasil, podemos destacar a importância da assinatura da carta de abertura dos portos brasileiros às nações amigas, de 1808. Leia com os alunos um trecho da carta:

[...] Atendendo a representação que fizestes subir a minha real presença sobre se achar interrompido e suspenso o comércio desta capitania, com grave prejuízo dos meus vassallos, e da minha Real Fazenda, em razão das críticas e públicas circunstâncias da Europa, e querendo dar sobre este importante objeto alguma providência pronta, e capaz de melhorar o progresso de tais danos, sou servido ordenar interina, e provisoriamente enquanto não consolido um sistema geral que efetivamente regule semelhantes matérias o seguinte: primeiro, que sejam admissíveis nas Alfândegas do Brasil todos e quaisquer gêneros, fazendas e mercadorias transportadas, ou em navios estrangeiros das potências que se conservam em paz e harmonia com a minha Real Coroa [...]

Desafie os alunos a explicar os possíveis significados dos trechos “públicas circunstâncias da Europa”, “sejam admissíveis nas Alfândegas do Brasil todos e quaisquer gêneros” e “paz e harmonia com a minha Real Coroa”, considerando o contexto vivido por Portugal e sua colônia à época.

3. De acordo com as autoras, “até 1810, as atenções se concentravam mais nas medidas administrativas. Após 1811, contudo, abriram-se as comportas para um verdadeiro ‘banho de civilização’” (p. 184). A vida formal e cheia de regras de etiqueta da corte portuguesa de fato não combinava com o cotidiano imposto pela colônia. As tantas adaptações estruturais e administrativas poderiam até ser consideradas pequenas se comparadas às demandas sociais e culturais, para quem vinha e para quem já estava por aqui. Tendo em vista essa situação, solicite aos alunos as seguintes tarefas:

- a. Listar as obras, os feitos e as alterações decorrentes da chegada da família real portuguesa ao Brasil;
- b. Explicar a expressão “banho de civilização” utilizada pelas autoras, exemplificando com as alterações promovidas pela corte.

4. Leia com os alunos os quadrinhos abaixo.



7.2. Ilustrações extraídas do livro *D. João Carioca: A corte portuguesa chega ao Brasil (1808-1821)*, Lilia Moritz Schwarcz e Spacca, 2007.

A situação retratada destaca os reflexos da crise europeia na América espanhola. Além dos problemas “herdados” de fora, a presença do rei de Portugal na América criava incômodos para os vizinhos da Banda Oriental, região onde atualmente se localiza o Uruguai. Considerando os temas destacados nesse subcapítulo “Agitação à vista: que se retarde a coroação” (pp. 193-6) e nos quadrinhos, peça aos alunos que expliquem o projeto de Carlota Joaquina para a América espanhola e, em seguida, os projetos de d. João VI para a região.

5. Desafie os alunos a observar as imagens 7.1. (imagem 50 do livro), 7.2. e 7.3. (imagem 57 do livro).



7.3. *Coroação de d. Pedro I*, óleo sobre tela de Jean-Baptiste Debret, 1828.

Por iniciativa própria e apoiados pelo governo de d. João, na esteira das negociações de paz com a França, Debret e outros artistas franceses, como o pintor Nicolas-Antoine Taunay e o arquiteto Grandjean de Montigny, estiveram no Brasil a partir do ano de 1816. Tendo em mente essa circunstância — a vinda de pintores até então fiéis a Napoleão que aqui chegam contratados pela corte portuguesa e “inimiga” —, faça com os alunos as seguintes atividades:

- a. “Ler” as imagens com atenção procurando identificar, em cada uma delas, a temática, a função da imagem, o estilo e de quem é a encomenda;
- b. Comentar o contexto que explica a presença de Debret e de tantos outros artistas e cientistas no Brasil. Por que a corte de d. João teria interesse por esse tipo de iniciativa?;
- c. Pesquisar, através das imagens criadas por Debret e Taunay, e por meio das plantas de arquitetura de Montigny, como era a cidade do Rio de Janeiro a partir dos anos de 1816. Pode-se usar também outros pintores, como Rugendas, Henry Chamberlain, Eckhout e Joaquim Cândido Guillobel.

Fica aqui a sugestão de leitura do romance *Era no tempo do rei*, de Ruy Castro (Alfaguara, 2008).

LEGENDAS INTERPRETATIVAS DAS AUTORAS

7.1. Debret trouxe os escravos para o centro de suas aquarelas brasileiras. Diferentemente dos portugueses, que só se dedicavam a pinturas religiosas, ele retratou o que viu (e o que imaginou) do dia a dia carioca. Flagrou negros atléticos, de corpo perfeito, trabalhando, e representou sem pejas a violência do sistema: crianças negras comendo no chão, filas indianas com o senhor à frente e os escravos no final e uma cena de sevícia que foi inclusive proibida, na época, pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

7.2. O quadrinista Spacca caprichou na caricatura de Carlota Joaquina: sempre com ar esperto e tramando golpes (contra o seu marido).

7.3. A coroação de d. Pedro I, em 1º de dezembro de 1822, combinou elementos tradicionais europeus com aspectos idealizados a partir da realidade brasileira. O ritual uniu costumes das realezas do Velho Mundo ao mesmo tempo que instituiu novos símbolos. As vestimentas do imperador, coloridas de verde e amarelo e confeccionadas com materiais locais, evidenciavam a mistura entre o tradicional e o brasileiro. O mesmo fez Debret, que copiou uma tela originalmente elaborada para a coroação de um monarca austríaco e a traduziu para o Brasil, alterando o formato e a dimensão da igreja em que se realizou a celebração.